

Telemedicina cresce, mas atenção presencial é preferida

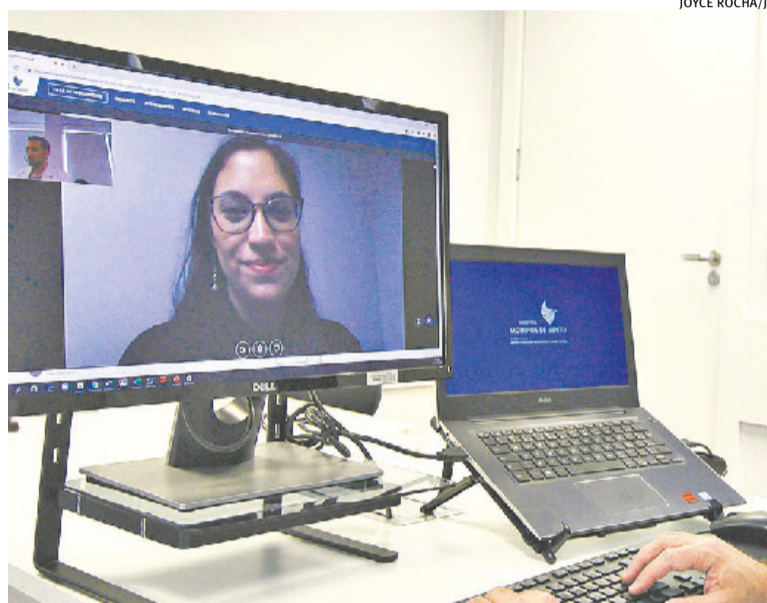
Unimed POA registra o credenciamento de 1.090 médicos online

/ SAÚDE

Bárbara Lima
barbaral@jcrs.com.br

A Telemedicina foi definida, conforme a Resolução Nº 2.314/22 do Conselho Federal de Medicina (CRM), publicada no dia 20 de abril, como o exercício “da medicina mediado por Tecnologias Digitais, de Informação e de Comunicação (TDICs), para fins de assistência, educação, pesquisa, prevenção de doenças e lesões, gestão e promoção de saúde.” Depois de dois anos sendo amplamente utilizada para conter a pandemia, por meio da autorização emergencial prevista na Portaria nº 467 do Ministério da Saúde, se tornou uma realidade como forma de desafogar emergências e levar acesso à saúde a regiões mais remotas do País. Mas os encontros presenciais continuam predominando no Rio Grande do Sul.

Segundo o Conselho Regional de Medicina do Rio Grande do Sul (Cremers), não é possível mensurar quantos médicos trabalham via telemedicina, porque muitos estão em sistema híbrido. No entanto, desde 2020, em Porto Alegre, o convênio de plano de saúde Unimed, por exemplo, registrou em sua plataforma de atendimento a distância, a Meu MédicoOnline, o cadastro de 1.090 profissionais, de



JOYCE ROCHA/JC

Pacientes receberão orientações sobre exames via gratuitamente

50 especialidades.

Uma dessas médicas é a otorrinolaringologista e coordenadora do Núcleo de Gestão do Cooperado da Unimed Porto Alegre, Carla Winei Braga, que começou a atender a distância em 2020, em meio à pandemia de Covid-19. Ela acredita que “a maior vantagem foi a contribuição que estes atendimentos deram para reduzir o número de pacientes nas emergências.”

Além disso, ela destaca que, por diversas vezes, conseguiu evitar internações por conta do atendimento precoce na plataforma. “Acredito que muitos teriam ficado sem atendimento durante a pandemia se não estivéssemos

utilizando a telemedicina”, explica. A modalidade, segundo a médica, também é interessante para pessoas que positivaram com Covid ou estão impossibilitadas de ir até o consultório, mas precisam de atendimento.

O vice-presidente do Conselho Regional de Medicina do Rio Grande do Sul, Marcelo Domingues, concorda que a telemedicina pode possibilitar a assistência a locais distantes, reduzindo, também, a migração de pacientes de centros menores para centros maiores. Apesar disso, ele destaca que “a consulta médica presencial permanece como ‘padrão ouro’, ou seja, como referência no atendimento ao paciente.”

Limitações no atendimento podem atrapalhar

Para que a telemedicina possa, de fato, ser uma solução para a superlotação das emergências e para locais mais afastados, é necessário considerar as limitações do recurso. Segundo Carla, não realizar o exame físico, principalmente na sua especialidade, pode atrapalhar alguns diagnósticos.

“Acho muito importante conversar com o paciente sobre esta limitação no início da teleconsulta para que ambos, médico e paciente, estejam cientes de que as decisões tomadas estarão embasadas apenas nas informações prestadas pelo paciente”, considera.

Ela também pondera que o encontro presencial não está des-

cartado, mesmo após uma consulta online. “Essencial também é ter o bom senso de informar ao paciente a necessidade de um segundo atendimento presencial para concluir diagnóstico, avaliar tratamento ou mesmo reforçar o vínculo da relação médico-paciente”, reflete.

O vice-presidente do Cremers ressalta que a portaria permite a autonomia do médico, que deve decidir se utiliza ou recusa o atendimento via telemedicina, indicando a assistência presencial sempre que entender necessário. Além da teleconsulta, na portaria constam mais seis modalidades de atendimento: teleconsultoria, teleinterconsulta, telediag-

óstico, telecirurgia, televigilância e teletriagem.

Outro fator importante a ser considerado é a segurança das plataformas virtuais de atendimento. “Devem respeitar a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), garantir a assinatura digital e a agilidade na prescrição médica de tal forma que o médico sempre visualize a documentação anexada pelo paciente e que o paciente receba a sua receita em tempo hábil”, ressalta Carla.

Marcelo complementa: “o paciente precisa autorizar o atendimento por telemedicina e a transmissão de suas imagens através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.”

Expectativa de vida dos gaúchos chega a 77,45 anos

/ PESQUISA

A expectativa de vida ao nascer no Rio Grande do Sul chegou aos 77,45 anos em 2020, um aumento de 0,19 ano na comparação com os dados de 2019, quando atingiu 77,26 anos. Apesar da alta, os números de 2020 já mostram o impacto da Covid-19 entre as principais causas de mortes, com um total de 9.241 óbitos pela doença, o que representou 10% do número total de mortes no ano (92.791).

Sem considerar a pandemia, a expectativa de vida gaúcha ao nascer chegaria a 78,48 anos em 2020. Os dados foram divulgados nesta terça-feira e integram o estudo “Indicadores de mortalidade para o Rio Grande do Sul e seus Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) - 2010/2020”, elaborado pelo Departamento de Economia e Estatística, vinculado à Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (DEE/SPGG).

O estudo mostra a manutenção da diferença de mais de sete anos na expectativa de vida de homens e mulheres no Estado. Enquanto para a população feminina a expectativa chega a 80,99 anos, para a masculina é de 73,87 anos. Entre as principais causas de

mortes no Rio Grande do Sul em 2020, as doenças do aparelho circulatório (22,7%) continuaram em primeiro lugar, seguidas do câncer, com 20,7%. As doenças infecciosas e parasitárias, categoria na qual se inclui a Covid-19, saltaram do 9º lugar em 2019 para o terceiro lugar no ranking de 2020 (13,5%) com as doenças do aparelho respiratório (8,6%) na quarta posição.

A população masculina registra o maior número de mortes em relação às mulheres entre as quatro principais causas, mas a maior diferença entre os sexos é encontrada nas mortes por causas externas, quinta no ranking geral no Estado, em que os homens morrem 3,72 vezes mais do que as mulheres.

Em relação a 2010, primeiro ano avaliado no estudo, a expectativa da população do Estado subiu 1,86 ano, passando dos 75,59 anos para os atuais 77,45. A diferença entre os sexos se manteve acima dos sete anos ao longo de todo o período, passando de 7,49 anos em 2010 para os 7,12 de 2020.

Quanto aos números da população gaúcha, em 2020 o Rio Grande do Sul contava com 11.422.973 habitantes, um aumento de 508.178 pessoas na comparação com 2010.

Primeiro dia para emissão da nova identidade tem grande procura

ESTFANY SOARES/ ESPECIAL/JC



/ SERVIÇOS

A procura para realizar a primeira e segunda via da carteira de identidade foi grande na manhã desta terça-feira em Porto Alegre, dia em que começou a emissão do novo modelo no Rio Grande do Sul. O Estado é o primeiro a fornecer o documento no Brasil. Inicialmente, o novo formato só está disponível para a primeira via, ou seja, quem ainda não tem o documento de iden-

tidade e está em busca de fazê-lo pela primeira vez. O modelo usa o CPF como número principal, substituindo o RG, e também poderá ser acessado digitalmente. A implantação começou no Posto de Identificação do IGP, na avenida Azenha, em Porto Alegre. O atendimento é por ordem de chegada, o que também colaborou para a formação de uma grande fila no local no início da manhã, com os atendimentos demorando de 3h a 4h.